

## PREFÁCIO

Convidamos o leitor para apreciar os textos presentes neste livro que tem por temática: resiliência e riscos. Qual a importância desta leitura? Trata-se de um conteúdo que vem revelar estudos e investigações de profissionais engajados na produção científica tanto em Portugal quanto no Brasil.

A modernidade inaugurou um fenômeno arriscado para a humanidade: o uso exaustivo dos bens naturais, seja de origem vegetal, animal ou mineral. Os impactos destas atividades em larga escala, quase sempre são induzidas e conduzidas pelos chamados grandes projetos de investimento, parte de setores econômicos intimamente atrelados a governos e até de estruturas estatais. O resultado disso é uma transformação profunda de territórios e neles a vida de pessoas, de animais e de vegetais. Quase sempre essa transformação é acompanhada de ameaças dos riscos “plantados” em locais geralmente submetidos às mais diversas ordens de vulnerabilidades.

Neste volume somos brindados com escritos diversos a abordar a capacidade de comunidades e, por poucas vezes, de governos conseguirem resistir e enfrentar com destemor, os problemas perigosos impostos por grandes investimentos setoriais e, quando na pior situação, a de se preparar para superar a perdas e danos provocados no caso de acidentes e desastres, causados por tais negócios.

Os textos são das mais variadas abordagens teórico-metodológicas, mas destaca-se os estudos de impactos no ambiente urbano, uma vez que o próprio mercado mundial fomentou e fomenta o seu crescimento. Neste sentido, as vulnerabilidades aparecem no fenômeno do crescimento das cidades em que as populações são submetidas a riscos cada vez mais frequentes. Diante disso, necessitam lidar com a sua gestão a exigir planejamentos territoriais por parte de governos e da iniciativa privada, para que se evite impor às pessoas e ambientes a responsabilidade exclusiva de lidar com situações críticas.

Alguns escritos trazem metodologias cartográficas desde as convencionais até às de percepção das comunidades em relação ao risco que correm, ou mesmo no seu enfrentamento em caso de crise.

Também a questão do risco tecnológico, enquanto um tipo frequente na realidade urbana, é tratado no livro como vetor da propagação de outras categorias de riscos que muitas vezes comunidades, governos e iniciativa privada, desconhecem ou fingem conhecer. Entretanto, ignorar os riscos é uma maneira de agravá-los e de perder a oportunidade de fortalecer as comunidades e agentes públicos no seu trato.

O leitor conta ainda com interessante reflexão sobre a importância do mapeamento participativo de riscos, enquanto metodologia, para assegurar o envolvimento das comunidades com suas percepções, memórias e proposições para lidar com as situações de riscos.

Além disso, outro texto apresenta ao leitor a possibilidade que o setor privado tem para fortalecer o campo da resiliência, e assumir o papel de corresponsável, em seus negócios, de desenvolver atividades complementares para atenuar impactos na geração de energia elétrica, no caso de origem de rejeitos sucroalcooleiro.

Tomara que a riqueza de conhecimento constante neste volume sirva a todos, investigadores ou não, como referências, mesmo que a partir de situações difíceis e traumáticas, e um meio de renovação de forças sociais para resistir, revisar, aprender, recriar espaços e territórios que sejam saudáveis e seguros.

Boa leitura!

Uberlândia, Minas Gerais, Brasil - primavera de 2020

Hudson Rodrigues Lima